

Caderno 3

diariodenordeste.com.br/caderno3

FERREIRA GULLAR
Coluna: a arte e a crítica hoje
P.2

SLAVOJ ŽIŽEK
Leia trecho do novo livro
P.6

CINEMA



A imagem e o sagrado

A devoção e os personagens do universo religioso são tema de produções audiovisuais cearenses

ADRIANA MARTINS
Reportagem

Em 2005, uma das maiores preocupações do realizador audiovisual e produtor cearense Clélio Vilaris era a saúde de sua mãe. Por motivos indecifráveis ao longo de várias consultas médicas, a saúde da mulher parecia definhar. Entre dorres constantes, ela chegou a consentir que "alguém se expõe".

Enbara surpreendido com a decisão, pelo fato de a mãe ser evangélica, Clélio decidiu apostar no desafio, fomos ao Instituto de Santanistas americanos. Ao conversar com uma colega sobre o assunto, a mesma fez a ponte entre elas e Zimá Ferreira da Silva, mais conhecida como Mãe Zimá.

Com mais da metade de seus anos de vida dedicados à umbanda, Mãe Zimá é uma das mais conhecidas mães de santo do Ceará, cuja história de vida se confunde com a própria trajetória da religião no Estado. "Elas concordaram em me receber. Disse que minha mãe estava, sim, com uns problemas e que eu fosse ao terreiro", recorda Clélio.

Segundo o produtor, no mesmo dia do trabalho de Mãe Zimá, sua mãe, que sempre sabia da iniciativa, melhorou e as dores sumiram. Desde então, a umbanda não mais saiu da vida de Clélio, hoje é filha de santo de Zimá. O elo afetivo e espiritual levou o cineasta a idealizar o

documentário-ficção "Mãe de santo, seu nome é Zimá", a ser lançado em 20 de novembro.

Para concretizar o projeto, em 2007 contatou a diretora Lília Moena Santana, que já conhecia de longa data. Os dois são da mesma geração do audiovisual cearense, com início de atuação mais forte a partir da década de 1990. Lília é proprietária da Cabeça de Gato Filmes, produtora de conteúdos de audiovisual voltada à realização de vídeos institucionais, documentários e publicidade.

Preconceito

De 2007 para cá, foram seis anos de filmagens, pesquisas, entrevistas, captação de recursos e outras etapas. Atualmente, "Mãe de santo, seu nome é Zimá" está em fase de finalização de som e de correção de cor.

O longa é realizado pela Associação de Cinema e Vídeo de Quixadá e pela Cabeça de Gato Filmes, em coprodução com Clássico do Cinema, Mengão Produções, Red Line Filmes e recursos do Banco do Nordeste, Secult e MinC.

"Além do apoio desses órgãos públicos, também fomos financiados de nosso bolso, porque nenhuma empresa privada se interessou. Ainda há muito preconceito relacionando à umbanda, ao candomblé e outras religiões de matriz africana", lamenta Clélio.

E justamente por esse aspecto que o produtor executivo julga o longa relevante. "Acho importante levar uma mensagem positiva sobre a umbanda e contribuir para que as pessoas a conheçam melhor. É parte de nossas origens".

Leia mais nas páginas 4 e 5

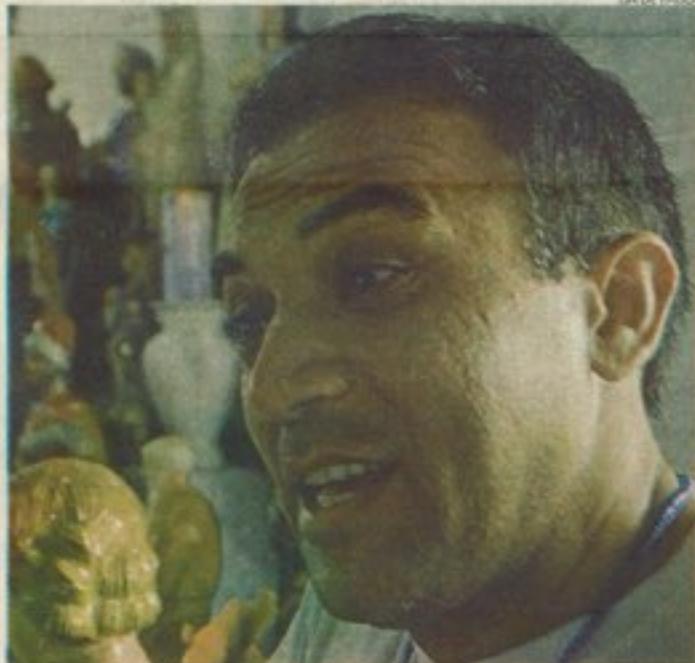
Mãe Zimá em cena do filme sobre sua vida: seis anos de filmagem, pesquisa e produção

MATÉRIA DE CAPA

Mãe Zimá em filme e livro

Clébio Ribeiro cruzou o caminho de Mãe Zimá por causa de sua própria mãe. "Ela estava com problema de saúde, ia de médico em médico e nada de dar resultado. Ela é evangélica, e conversando com minha irmã, minha mãe disse - 'Ô meu Deus, só pode ser macumba'. Através de uma amiga, pedi o contato de uma mãe-de-santo séria, ela me deu o telefone do Leno, que me colocou em contato com Mãe Zimá. Era seis da manhã, quando liguei - estou ligando pra senhora como um filho que quer ver a cura de sua mãe. E eu vim, percebi que Mãe Zimá era uma pessoa muito séria e há 46 anos dedica sua vida à preservação da cultura afro-descendente no Ceará, através da prática oracular da umbanda. Estou escrevendo O Terreiro de Zimá com um pouco de realismo fantástico, porque não domino o universo da umbanda e assim posso viajar com mais liberdade. Ela é uma mulher poderosíssima, bate o pé no chão e o chão estremece. No altar, os santos levitam. Das janelas e portas os pregos saem, por causa da força de Ogum".

No livro, Clébio também faz o "registro dos cantares, dos falares, dos rezares, dos pensares, dos pontos, das músicas. E como uma coisa puxa outra... Eu tava escrevendo o livro, percebi que dava um documentário maravilhoso. E pude contar com a Lilia Moema, parceira de muitos anos. O livro deve estar pronto no final do ano e o documentário também".



CLÉBIO Ribeiro dirige documentário e escreve livro sobre Mãe Zimá

As luzes estão acesas, os equipamentos no ponto, microfones, câmeras. Enquanto Mãe Zimá se arruma, a festa começa com uma apresentação de dança. É o grupo de jovens da Companhia de Ritmos e Danças Populares - Cordapés, lá do Conjunto Palmeiras.

Quatro da tarde. A gira começa. À direita, nas portas para o quintal e na porta de entrada, o público. Do outro lado, rente com a parede, as filhas de santo, moças de saia e camisa de renda branca. A ajudante, de vermelho. Uma outra filha de santo traz na roupa a cor verde de Oxóssi. A mãe-de-santo velhinha veste dourado. Para ela, e o pai de Zimá, cadeiras de espaldar,

outra cadeira para a convidada, Mãe Valéria. Branca da cor de leite. O ogã também está paramentado. Ele convoca os orixás, com o toque do tambor. Mãe Zimá entra na sala, a dança começa, o som fica mais acelerado. O primeiro santo vai chegar. "Ô, Iansál O seu leque é de pena/ pra abanar as noites de calor", cantam todos.

Mãe Zimá, incorporada, faz a saudação, "louvado seja Nossa Senhor Jesus Cristo", e os demais respondem, "para sempre seja Deus louvado". O calor aumenta, aumenta o som dos tambores, eis que chega o santo guerreiro, cavalcando seu doce cavalo. "Ogum, seu capacete brilha/ a sua espada reluz", cantam. Os pontos são lindos, envolventes. O corpo de Zimá se curva, ela retira os anéis, cobre a cabeça com um lenço escuro, senta-se no tamborete e bebe café numa cuia. A ajudante lhe traz o cachimbo aceso. Ela sopra a fumaça sobre todos nós. "Sou a preta Mandinga/ eu giro, e regiro/ e torno a girar/ Ô, desenlinha/ é Mãe Maria de Aruanda/ Vou pedir a Santo Antônio/ pra minhas almas ajudar". O tempo todo ela está de olhos fechados.

Mas agora, abre os olhos. Um sorriso traquinas. É a menina Tapuia da tribo Canindé, que distribui bombons, as crianças em roda dela. "Eu sou a linda tapuia/ dominando o outeiro/ As meninas da cidade/ não tomam banho de coité". Quando começam a cantar o ponto "Ele vinha das matas/ ele vinha caçando", a mãe-de-santo vestida de verde incorpora Oxóssi. No rosto, algo de dor. É amparada pelas demais e sai da roda. Mãe Zimá sacode o corpo, "pra que me chamam/ pra que me quer?/ Por que mandaram me chamar?/ Eu tava na beira da praia/ mandaram me chamar/ chegou Exu do Rio"... Agora, a gira começa a ferver. "Cheguei, nas encruzilhadas/ a macumba é boa, meu pai/ é de madrugada", e a mãe-de-santo gargalha. Saravá, que ela põe a mão na cintura, ela rebola, sensual. "Ô, Pomba Gira, aonde é tua morada?/ Pra falar com Pomba Gira, vá pras sete encruzilhadas... Avança, homem! que chegou mulher".

De corpo e alma

Mãe biológica de três, mãe Zimá é hoje uma das referências entre as mães-de-santo da Umbanda.
Seu Carisma já lhe rendeu mais de 100 filhos-de-santo e muita história para contar

Mãe-de-santo s. f. [Religião]. Nos candomblés e xangôs, mulher responsável pelo culto dos orixás, que se dirige à divindade, recebendo as instruções que transmitem aos crentes. A definição a que se ressingem os dicionários nem de longe definem, de fato, o papel da mãe-de-santo Zimá. A responsabilidade desta senhora de 35 anos vai muito além da direção de cultos. Além dos três filhos biológicos - Roney, 40, Luis Leno, 38 e Ludmila, 34 - mãe Zimá precisa dar conta de cuidar da vida dos seus mais de 100 filhos-de-santo espalhados mundo afora.

"Você chega na minha casa

cheia de problemas e eu me sento para conversar com você. Eu vou procurar, com a minha vida espiritual, te ajudar. Vou procurar o santo que te cobre, quem te protege pra ir até a ele para te ajudar. Das minhas filhas-de-santo, eu cuido de cada

RAIO X DA MÃE

Mãe Zimá

Idade: 55

Profissão: mãe-de-santo

Filhos: Roney, 40, Luis Leno,

38, Ludmila, 34 e outros 100.

Ser mãe de 'c. cuidar, é proteger, é levantar, é entender'.

uma. Cuidado dela e do santo", explica mãe Zimá. "Tenho três filhos e cinco netos que são a minha vida. Mas tenho filhas-de-santo minha e neto que é mesmo que eu ter parão", declara-se.

A reciprocidade do amor dedicado aos filhos espirituais é facilmente visto nos vários presentes espalhados pelo terreiro

nos filhos biológicos, cresceram vendo a mãe se dedicar à religião e seguiram o mesmo caminho. "Quando eu ia pro terreiro do falecido pai Zé Alberto, sempre levava o Roney e o Luis Leno. Desde pequeno eles apreciavam a tocar atabaque" lembra.

Há mais de 20 anos, quando se tornou mãe-de-santo, Zimá trouxe para si a missão de garantir a vida de filhos que não deu à luz. Desde então, sua popularidade como líder espiritual dentro da Umbanda só cresce, ponto de ter que mandar de volta para casa quem ela não consegue atender no dia. "Para poder receber vocês aqui, botei pra fora uns 40 pessoas", risse.

No Dia das Mães, é outra confusão todo mundo quer dar um beijo na mãe Zimá na data especial. A filha Ludmila, por vezes, sente ciúmes de tanta dedicação, assim como as mães biológicas dos filhos de Zimá. "Muitas mães têm ciúme de mim com os filhos porque, muitas vezes, elas confiam muito mais em mim do que na própria mãe. Mas é porque eu sei que preciso. Eu trago essa energia do meu avô. Meus pais eram muito religiosos [católicos], mas frequentavam a missa normalmente", diz, já seus

O AMOR DE MÃE ZIMÁ DEDICADO AOS FILHOS ESPIRITUAIS É FACILMENTE VISTO NOS VÁRIOS PRESENTES ESPALHADOS PELO TERREIRO



FÁBIO LIMA



A responsabilidade de Mãe Zimá com seus filhos espirituais vai além da direção de cultos

FORTALEZA-CE, QUINTA-FEIRA, 26 de abril de 2007

ELA VEM DE ARUANDA

Eduarda Carvalho
de Fortaleza

Passeie São Vicente. Lembre que só passa o terminal do Siqueira, passa a ponte sobre o rio. De um lado e outro da avenida Olácio de Paiva, o comércio periférico. Lojas de bicicletas, imóveis. Bodegas, depósitos de mercadorias, casas de show, sacarias. Nas ruas de areia, água e lama, se vê previsão, necessidade. Mas a vida pulsa. Sábado, dois dias antes do dia consagrado a São Jorge, O Ogum, o orixá guerreiro. Desliso, o terreiro de Mãe Zimá, que festopeia seu aniversário de 60 anos, dentro. 46 dedicados à umbanda. Na entrada da casa, à espera dos convidados, o videomaker, produtor cultural e escritor Cláudio Vitorino Ribeiro, que prograva livros e documentários sobre ela. As filmagens começaram dia festivo. Tanta gente. A flâmula. Andou. Filhos e filhas de santo. Monitórios dispostos desde o portão ao quintal.

Mesmo dia, não parava de chegar gente. O cheiro bom da comida, que viajava lá da cozinha. De canela branca, saia de flores e pano bordado cobrindo os cabos. Mãe Zimá terminava de preparar, com suas ajudantes, a rica fraldinha. Gafanhoto da tarde, saindo da churraria quando o fogão continuava aquecendo as panelas. A casa, todo branca. Acima de garrapatas, o quarto de José Antônio. "Nós trabalhamos como esse universo, que respeita mistérios", acrescenta.

Linha, de chapéu quebrado, paleto branco, sapato de duas cores - a figura do velho malandro. Na seguradora, os donais nombrados: a casa de São Sebastião, o senhor das matas e das pedreiras, com a imagem de São Sebastião. Mais para dentro, a casa esculpida de carnes das Pontas Gíras, e depois a morada das Pretas Velhas e de Iemanjá.

Um espaço tão pequeno, também ganhou acústica as plantas. O pé de carambola, bem avivido, dando frutos. Uma palmeira de dentilhão, carregada de cachos escancarados. Pode ser, apresentista. Flores, Lilia Moema organiza seu pessoal, para as filmagens de logo mais. "O Cláudio me convidou para a concepção do documentário, que terá uma parte ficcional, com trânsitos míticos da vida dela. A infância, aos oito anos, com a avô, que era rezadeira, e ela observava. Ao 11, quando se deu a primeira passagem para Aruanda (quando ela incorporou, pela primeira vez?). E aos 20, quando ela se reconheceu na religião. A parte documental, para conscientizar sobre esse mundo da umbanda, começo com essa festa de hoje e também trazemos depoimentos de pessoas adoradoras, evoluções e umbandistas, entre elas o Léo, filho de Mãe Zimá". Os recursos para o filme, diz Lilia, virão depois. "Eu testei o equipamento e as filmas foram surpreendentes", diz ela, que fez o making off de A Testemunha do Irmão Sebastião, filma de José Antônio. "Nós trabalhamos como esse universo, que respeita mistérios", acrescenta.

LILIA MOEMA RYU H

DOCUMENTÁRIO | Dedicada à umbanda há 46 anos, Mãe Zimá abriu seu terreiro, sábado passado, para comemorar o aniversário de 60 anos, em meio à família, amigos e equipe de filmagem. O videomaker Cláudio Ribeiro escreve livro sobre ela e também dirige um filme, misto de documentário e ficção, junto com a produtora Lilia Moema



A DONA DA CASA

Zimá Freyre da Silva nasceu em Fortaleza, no dia 10 de abril de 1947, um dos doze filhos de seu José, policial militar, e dona Consuelo. Ela, católicoissima. A filha só sofreu de perna do avô, seu Gaetano, que era rezador e benzedeiro, lá da Fazenda. A primeira vez que Zimá incorporou um orixá, tinha 11 anos. Esperto em família. Aos 20, Zimá encontrou seu orientador espiritual, o pol-de-santo Zé Alberto, dono do terreiro Rei do Congo. Zimá tem três filhos, Reney, Luiz Lenô e Lucimilia, que herdaram santo. Há 12 anos, ela fundou o terreiro Ogum Mijip, na rua José Maurício, 800, Parque São Vicente. É religiosa pública da Associação de Umbanda de Fazenda do Ceará.

O POVO - A senhora teme de tanta devoção santo todos?

Mãe Zimá - Temo de conta da minha casa e da comunidade. Chegar aqui no bairro lá 10 anos, sórinda estátua povoação toda. Este território aqui tinha uma barraço lá atada. E não conseguimos, com as demais peixarias, aterrar, com ajuda da prefeitura. É uma comunidade de pessoas muito carentes, pessoas boas, amigas, compreensivas. Esta morada de Ogum é um pedágio de mina.

OP - E o consegui, como? Nós fizemos que sua família é católica. Eu sei que o Gaetano rezava.

Mãe Zimá - Minha mãe só missa católica. Tinham uns traços de curandeira, um bôa padroeira. Mas rezava do seu avô e do meu bisavô entre outros. Meu avô era espírito, fazia massas brancas, e rezava. O papai tem uma medianidão mesmo grande. Meus três filhos - os filhos da minha banquinha - também trouxeram isso. O Léo e o Reney só ergam a Lourença e a Lourença é pra Ogum. Tem duas santo raspadinhas também. Mas filhos são só o que a gente quer, não?

OP - Quais os santos da sua cabeca, que você reza? Como é isso? A pessoa que rezou?

Mãe Zimá - A gente nasce com o santo, o céu do santo, na cabeça, aquilo que a mãe da gente chama de molécula. Só a Iemanjá

é aquela que a gente nela, que a gente gosta, que a gente ama. Aí, em tempo uns 300 filhos! Seu anjo, forte e determinada. Não sei perder, não gosta de perder e não gosta de palavra não. Gosta de dizer sim e receber o sim.

OP - Quando a senhora se acha que é só religião dos orixás?

Mãe Zimá - Foi difícil, pelo fato de deixar pra trás muita coisa, pra se dedicar. Mas que eu pudesse entender... Depois só me senti a energia, porque é essa energia. Eu sentia necessidade de provocar, sentir, tocar, andar, hoje tanto. Sento vontade de chorar.

OP - E como foi seu aprendizado?

Mãe Zimá - Fui pra casa de um pai-de-santo chamado Zé Alberto. Fui um pat, um amigo, um companheiro e um professor. Não é que ele me ensinasse. Eu aprendia por ver, estava presente. Depois fui pra Manaus, à casa de Mãe Yanná, uma indígena. Fasei lá por uns meses durante de iniciação. Depois eu fui pra África, para aprender e também pra levar minha religião, fui passar seis. Fui à Viena, a Milão, a Roma, vijei pela França e Suíça. Vim à Terra com essa missão, e só comprendo, a posição e a vigília. Meus a manas, meus a meus. Esta força espiritual que tenho, nem comprei nem pago, eu vivo com ela. Porque quando eu bato numa porta pra pedir uma caridade e só se vira o diabo, isto não existe não.

OP - E quando batem em sua porta?

Mãe Zimá - Eu sempre digo sim.

OP - Quais os santos da sua cabeça, que você reza? Como é isso? A pessoa que rezou?

Mãe Zimá - A gente nasce com o santo, o céu do santo, na cabeça, aquilo que a mãe da gente chama de molécula. Só a Iemanjá

só, mas carrega muito Ogum, porque cultua muito Ogum, o senhor da força, do poder, de abastecimento de caminhos, de prosperidade. Os meus Preto Velho, é onde vejo e sinto a energia da casa, das coisas boas. O meu Eu... Triste demais. O Eu é o escuro dos meus orixás, é questo separa tudo, com males e desates. E eu preciso fazer a mesma coisa. Ele estou sempre junto a mim. Lugo saiu-retrada de casa, estou a Trancão Rosa, ele é a proteção da porta. Tenho duas Pontas Gíras, uma em troca da África, e a 2º Ponta. Tenho uma força muito grande devido às almas, sua devota. E tem almas de Obatalá, o velho, que é meu trecoiro santo. Lá na porta ficam os guardiões. Esta casa mora só e temos entros vivendo.

OP - Esta força espiritual que tenho, nem comprei nem pago, eu vim com ela. Porque quando bate numa porta pra pedir uma caridade e só se vira o diabo, isto não existe não.

OP - E este povo todo aqui pra que dar conexão?

Mãe Zimá - Bem! 14 quilômetros de festa, com 14 de tempos. E assim tem o pessoal lá fora pra correr, vir? Que quando termina a minha festa dentro da casa, fala a festa no meio da rua e todo mundo come, todo mundo bebe. E o Onibus da casa, é quem come a conexão. A conexão foi eu que fiz, eu e minha filha do Onibus. Gosto de curiosas. Gosta de deixar todas felizes. Sua filha, por que não fazer os outros felizes?

OP - Conta um pouco de sua viagem à África.

Mãe Zimá - Foi bem demais. Fui onde voei vai conhecer as minas

e rios e a sua religião. Fui lá onde eu senti a energia forte. Mas estive em Cuba também, fui aprender a fazer vodu, entendeu? Eu fui em solo guebre, nôôô clássico. Fui sair usar experiência, fui convidada e fui, passei 19 dias lá. Mas por todos os países que passei, não trocou meu Brasil por lugar nenhum. Muito menos a meu Ceará. Pelo preconceito que eles têm com brasileiro.

OP - Para lutar em preconceito. Até lá, em relação à umbanda?

Mãe Zimá - Ah, quando eu comecei, há 46 anos, a falar minha sede só da polícia. A gente não podia falar nem desfachado. Se usasse na rua, pra falar um trabalho na mata, tinha que ter chama, tinha pressas vagando. Pra se chegar até aqui foi uma história. Hoje a gente tem a liberdade de dizer, de sair e de falar o que quer sobre a religião. Antes, dizer que era umbandista é como se fosse um marginal, macacuda era uma palavra despectiva. Hoje você pode dizer, sou umbandista, sou credível, sou da santo.

OP - E qual é a diferença entre umbanda e candomblé?

Mãe Zimá - As pessoas confundem muito. Mas acorde se recebe a energia do santo, não se recebe o candomblé da umbanda. São diferentes mas não são... Trobo um cliente mafioso pra justiça. Quando ele veio ao paciente daqui não tem cara e ele conta que aquele problema é espiritual, ele manda pra minha casa.

OP - Sua casa é sempre cheia assim ou é por causa da festa?

Mãe Zimá - Isso é constantemente! Todos os que tem e sente festeiros estão aqui. E é sempre assim, tem a-cáli da mandioca, tem alocó, tem a janta, a merenda e ainda tem a sopa da modragona. E tem um detalhe, não querer ser rica. Porque pedigo de pau a pedágio de festa não se leva ao céu. Eu tenho uma boa rede pra dormir e o que estiver dentro de casa, estou farta.



CONTINUAÇÃO DA CAPA

Uma vida inteira entre os mundos espiritual e terreno



A parceria de Clébio Vírito com Lília Moema para o documentário sobre Zé Zimá é pontuada por duas coincidências, no mínimo curiosas. Em 1987, ela foi convidada por uma amiga para festejar uma festa na casa de um pai de santo. "Muitos anos depois, descobri que se tratava do Zé Alberto, que foi pai de santo

de Zimá", conta a diretora. Do registro, realizado com uma câmera VHS, restaram apenas 15 minutos, dos quais alguns foram usados no atual documentário-ficção.

O segundo contato de Lília com a umbanda foi durante a realização do longa-metragem de ficção "As tentações do imóvel Sebastião", de José Araújo,

em 2001, do qual a diretora fez o making of. "Ele também era filho de Santo de Zé Alberto", explica a diretora.

Apesar da matriz africana, a umbanda é uma manifestação religiosa brasileira. Entre as principais características está o sincretismo, por incluir elementos e simbolismos de outras crenças religiosas, como o católico



No alto, o veterano Haroldo Serra atua em uma das sequências dramáticas do filme de Clébio Vírito e Lília Moema; acima, a personagem-título produz, amendo santo Zimá, em seu terreiro de umbanda. Fotos: BRUNA GAGONE/CLÉBIO VÍRITO/CP/13

cristianismo e o espiritismo, além do próprio candomblé e das tradições indígenas. Além dos orixás, trabalha com incorporação (nas chamadas ginas) de diversos espíritos, ossos, caboclos, pretos-velhos, crianças e exas.

se afastar da umbanda, não aceitar ou ser perdoado por outras pessoas, mas a perturbação fica", ressalta. Com o tempo, a família aceitou as crenças de Zimá.

Trajetória

Esses dois episódios são reconstituídos no filme, que tem os elenco atores como Haroldo Serra, Antonieta Noronha, Hilda Serra e Paula Yemane. Um recôrto momento importante também é resgatado, quando, aos 22 anos, Zimá foi surpreendida em casa pelo marido, que a encontra incorporada por uma entidade crianga (Tupuia), a brincar com seu filho Roney, então com pouco mais de um ano de idade.

Filhos biológicos são três; os de santo, já nem dá para contar. "Bateu daquele portão pra dentro e me deu a bênção, eu considero meu filho", resume em texto de apresentação no site oficial do filme.

Em 53 anos de dedicação à Zimá, o número de casos também ultrapassa a capacidade de memória. No primeiro, Zimá tinha apenas 14 anos, quando promoveu uma cura em um cão.

O episódio fundador de sua trajetória, porém, aconteceu ainda antes. Com apenas sete anos, Zimá recebeu pela primeira vez seu orixá, no quintal da casa de seu avô materno, que era curandeiro.

O episódio manteve com toda a família, que era profundamente católica. Demorou um tempo até Zimá entender o ocorrido. "Apenas sentia que algo acontecia. Sali escondida para ver os rituais, porque mal-

metro como filha de santo. O cunhado até se tornar mãe inclui uma série de rituais e passagens. "É uma religião dinâmica, os rituais e as idades em que acontecem podem variar de serreiro para terreiro", explica o produtor Clébio.

Com a morte de Zé Alberto, Zimá passou a trabalhar em sua casa. Anos depois, fundou seu terreiro, erguendo nos poucos cores os frutos do trabalho e ajuda dos filhos de santo. O cotidiano do local serve como fio condutor para o mergulho na cultura umbandista proposto pelo documentário-ficção.

"Nós invadimos sua intimidade, filmamos rituais, incorporações, tudo. Gravamos no terreiro e em locais como casinhas e praias", explica Clébio. As locações também incluem Maranguape, onde "recriamos Fortaleza do início dos anos 1950, 60 e 70", complementa o produtor.

"Após seis anos de trabalho, queríamos a persistência de tempo no filme. Por isso a narrativa vai e volta no tempo. Costumava brincar dizendo que há cabos de soda cor (do colorido ao branco)", comenta a diretora Lília Moema.

"Zimá, seu nome é Zimá" conta com depoimentos dos filhos biológicos e de santo da crença, além de pesquisadora do tema, como os professores Ismael Pordens (UFC) e Zeila Lígiero (Unirio).

Após lançamento para cidades, o filme deve entrar em cartaz para o público, em salas ainda não definidas. "Depois, pretendemos entrar em circuito de festivais, exibe na



Entretenimento e lazer
vistos pelo melhor ângulo.

De segunda a sexta, às 20h30.
E segundas e quartas, às 20h45.
MUST ENTREVISTA,
com Walney Hader e Walney Hader.



Cultura de inverno.
Entretenimento. Arte inédita.
Sundays. Boby Ophir. Live.

vida & arte

Feira de Frankfurt LITERATURA

ANA MIRANDA E RONALDO CORREIA DE BRITO REPRESENTARÃO O BRASIL PÁGINA 5



Haroldo Serra em cena;
abacaxi, Mãe Zimá (ao centro) e os herdeiros da
produção: um olhar entre
a realidade e a ficção



SOB AS LUZES DA UMBANDA

Eduardo Parente
eduardo.parente@uol.com.br

O cinema brasileiro encontra no tema religioso uma fonte inspiradora para várias de suas produções recentes. Do acesso à literatura espirita através de filmes que obtiveram sucesso de público e crítica, à umbanda explorada em filmes como *O Beijo do Sol*, *Xangô* de Baker Street, *O Gondô de Ouro* e *O Anelado de Ogum*.

Atualmente, uma produção brasileira se encontra em processo de conclusão o documentário-ficção *Mãe de Santo, seu nome é Zimá*, que narra a história da mãe-de-santo que há 55 anos dedica sua vida à umbanda. Produzido por Clébio Viriato e com direção de Lilia Moema, o longa deve ser finalizado até o final do segundo semestre.

A vida de Zimá Ferreira da Silva se confunde com a história da umbanda no Brasil. Aos 66 anos (67 a serem completados em abril), Zimá se dedica há mais de meio século à religião. As gicas, as oferendas, os cantares e a culinária

Em processo de conclusão, o documentário-ficção *Mãe de Santo, seu nome é Zimá*, produzido por Clébio Viriato e dirigido por Lilia Moema, narra a história da iorixá que há 55 anos dedica sua vida à umbanda

"A umbanda
é uma religião que
prega a cultura
da paz. Trabalha
com os elementos
da natureza. Sua
desvirtuação é outra
coisa", defende Clébio

ria fazem de seu terreiro, no bairro Parque São Vicente, local de residência de várias gerações. Filhos dos filhos de santo levam seus amigos e, em cascata, uma imensa rede se estrela.

Foi assim que o produtor cultural Clébio Viriato e a cineasta Lilia Moema tiveram seu primeiro contato com a umbanda. Ele porque procurou auxílio para a mãe acasalada por uma doença que os exames e as visitas médicas não conseguiam explicar. Enquanto Lilia se surpreendeu por uma amiga a filmar as atividades de um pai de santo, vendo depois a descobrir ser ele quem orientou os caminhos de Zimá. A curiosidade gerou o fascínio e, daí, o interesse em transportar para o vídeo a vida e a cultura dos terreiros.

Há seis anos, e com recursos próprios, a dupla de cineastas desse início às filmagens

do documentário *Mãe de Santo, seu nome é Zimá*, projeto que veio sendo atrasado no tempo possível. "A gente poderia ter finalizado no mesmo ano, mas queríamos que a presença do tempo fosse um personagem do filme", diz Clébio. Então surgiu a ideia de reconstituir três importantes momentos da vida da mãe de santo e transformar o filme em um doc-ficção. As filmagens com o elenco aconteceram em Maranguape na últi-

Confiança

"Na hora dos trabalhos, da incorporação, filmar é uma invasão. A gente precisa criar confiança. E não iria fazer o ritual se não pudesse desenegrar a imagem da umbanda, misto pelo contrário", defende Lilia. "Mas a gente entrou dentro", reconhece Clébio. "De estar lá dentro, usar a autorização da gica, tirar as telhas para melhorar a luz. Por isso tem muita coisa que estouvemos não incluir no filme, porque a gente quer mostrar uma coisa positiva da umbanda".

A direção de fotografia, assinada por Jase Malagueta, segue orientações bem precisas. "A gente sempre pensou em fazer um filme que desmistificasse aquela coisa escura, que já existe no imaginário das pessoas. Por isso, optamos por uma fotografia clara, de resita-

ba. A umbanda é uma religião que prega a cultura da paz. Trabalha com os elementos da natureza. Sua desvirtuação é outra coisa", defende Clébio.

Com roteiro de Maíl de Castro e direção de arte de Nilson Santiago, *Mãe de Santo, seu nome é Zimá* traz um elenco que reúne atores de experiência como Haroldo Serra, Aronete Moreira, Sidney Susto, Paula Yemanei e Hélio Serra. As crianças também possuem alguma experiência com a linguagem, tendo passado por cursos de formação como o projeto Crescer com Arte, do bairro Conjunto Palmeiras.

Financiado por recursos do Fundo Estadual de Cultura (FEC) e Banco do Nordeste, o filme vem sendo realizado pela Associação de Cinema e Vídeo de Quixadá, a Cabeça de Couro Filmes, Mangango Produções e Red Line Filmes, do Rio de Janeiro. A intenção é de que o doc-ficção fique pronto no segundo semestre e passe pelos circuitos de cinema e televisão.